

O PÃO

NUM. 2

... da Padaria Espiritual

Numero avulso 60 rs.

Não se acceptam assignaturas para capital

Numero anterior 100 rs.

Não se acceptam collaborações.

AVISO

Para attender a pedidos instantes, resolvemos acceptar assignaturas para o interior a 2.000 rs. por trimestre.

NOTA : o pagamento será adiantado.

O PÃO

Fortaleza, 17 de Julho de 1892

SABBATINA

16. DE JULHO

De longe em longe quebra a monotonia insupportavel da vida cearense o ruido estimulante e benefico de um acontecimento excepcional, o echo atordoador de um desastre ou de uma victoria; e todas as attentões, todas as vistas voltam-se por um momento para o logar onde, para o theatro do phenomeno ou para a causa em si para a victoria ou para o heroe.

Que celeuma! Que alvoroço, de tarde, á porta das boticas, quando os senhores burguezes, de pança cheia, arrotando carne cozida e palitando os dentes, reúnem-se para thesourar o reverendissimo proximo!

Deixem lá; foi um verdadeiro successo o apparecimento d'O Pão na arena jornalística.

A pequena capital cearense, habituada ao alus, á secco e á politica, e celebrada pelo irreprehensivel alinhamento de suas ruas, estremeceu, como alguém que accorda de um pesadelo enorme.

Onde vamos parar com isso? dizem donas de casa ouvindo apregoar O Pão a 60 réis. — A manteiga está a 2\$800, o café subiu a 2\$000, e agora é o pão que sobe! Isso não pode continuar.

... estava um dia esplendido para cavalhadas e passeios bucolicos. A luz penetrava todos os recantos; o céu parecia uma saphyra colossal, sem mancha, cortada por frechas de ouro que vinham do sol...

Beatas voltavam damissa. Bimbalhavam sinos.

Seriam 8 horas quando se ouviu o primeiro grito, fino, estridente:

— O Pão a 60 réis!

A burguesia damnou: que eramos uns idiotas *sem obra nem beira*, uns pilintras sem letras nem dinheiro; que isso de *Padaria Espiritual* é uma especulação como outra qualquer, como a emissão de vales, por exemplo, ou como a loteria do Ceará: finalmente, que era um desaforo tocar a musica as oito horas da manhã, em pleno dia, de frente da tal *Padaria*, accordando o publico a toque de caixa!

Em uma palavra: os senhores burguezes disseram de nós o que Cúiphaz não disse de Jesus.

Isso porem, é preciso assegurar,

não nos incommodou absolutamente; no contrario, deu-nos, muito prazer e nos proporcionou boas gargalhadas, porque nós outros, *padeiros espirituais*, sem contestação rapazes bem intencionados e amigos dos nossos amigos, desejamos precisamente isto: o successo, o ruido, a movimentação, o estimulo, a vida, enfim, sem tons de tristeza, sem odios e nem paixões vis, e por isto mesmo, sentimos-nos deliciosamente bom ao escrevermos *O Pão*, ante a colera injusta dos senhores burguezes, longe do olhar obtuso e ameaçador de Javert, aqui, em o nosso confortavel e typico forno, onde diariamente, á noiteinha, fabricamos tão boas pilherias, sonetos adoraveis, phrases sentillantes e vaporosas como o fumo de nossos charutos, e muita cousa mais inoffensiva.

Aquelles que, duvidando das nossas boas intenções, julgarem-nos uma sucia de estouvados, uns estroinas, sem responsabilidade e sem criterio, ouçam :

A capital do Ceará, encantadora como uma perola do Oriente, bella como a conheceis, é, eptretanto, uma cidadezinha soffrivelmente atrasada com laivos de civilisação. Si temos duas livrarias, em compensação não temos livros que prestem. Para matar o tedio que nos mina e consome a existencia, somos obrigados a ir, ás quinta-feiras e aos domingos, alli ao Passeio Publico exhibir a melhor de nossas fatiotas eo mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos.

Não vivemos—vegetamos.

Na falta de um divertimento bom que nos deleite o espirito e nos faça vibrarem os nervos, occupamo-nos de politica, mas d'uma politica torpe, reles, suja, indigna de ser tocada por mãos que calçam luvas de pellica.

Temos, é certo, dois clubs choreographicos que se abrem uma vez por mez a todo cidadão que calça burzequins; porem, é força confessar, a vida não consiste exclusivamente em comer, procrear, dormir e dansar.

A litteratura e as artes são, por as-

sim dizer, os melhores tonicos para o espirito.

A *Padaria Espiritual* é, pois, (não vos escandalizeis) uma instituição utilissima, tao util quanto a Sociedade de S. Vicente de Paula, tao necessaria quanto o Instituto Historico e geographico; e *O Pão*, cujo apparecimento foi causa de tantos commentarios injustos, é nada mais nada menos que o vehiculo das nossas idéas, o archivo hebdomadario dos nossos pensamentos, das nossas palavras e das nossas obras.

* *

Aqui tenho, defronte de meus olhos, uma prova inconcussa, palpavel, do merecimento da *Padaria Espiritual*; é a carta anonyma de um senhor ou senhora (a letra é viril), que, picado de inveja, mordido de desespero, roído de ignorancia, atirou-se gratuitamente contra nós.

Um pulha, o autor dest. pyramide litteraria.

Uma das mais futeis e ridiculas manifestações do despeito e da inveja desesperada é a—carta anonyma. O Sr. V... cuja letra parece de varão, e cuja orthographia é de virago, veio confirmar o nosso auto-julgamento; isto é: que *O Pão* vale bem seus tres vintens. E a prova disto é que a procura foi extraordinaria. Como que a população em massa bradava no auge da curiosidade:—*O Pão*, queremos *O Pão*, que estamos morrendo de tedio! A propria Sra. D. Burguezia (tirar chapéo!) comprou *O Pão*, mesmo a contra gosto, somente para ter a satisfação de nos chingar.

E a meninada corria por essas ruas de meu Deus, apregoando em alto e bom som:—*O Pão a 60 réis!*

Milhares de curiosos e admiradores da *Padaria* invadiram o forno solicitando *O Pão*, supplicando *O Pão* por amor da Arte.

Uma cousa indescriptivel, sem nome, inqualificavel, extraordinaria, exce-

pcional..... assombrosa--o apparecimento d'O Pão.

Era bello de ver estes moços (os *Padeiros*) rubros de enthusiasmo, lepidos, alegres, sadios, de papoula ao peito e sorriso nos labios, a dobrar jornaes, numa dobadura pittoresca, felizes como si estivessem commettendo a acção mais nobre do mundo, emquanto lá fóra, a musica executava trechos saltitantes, e o azul immaculado do céu cearense communicava-se mysteriosamente ao coração dos que assistiam cá embaixo, embasbacados, a alegre victoria da mocidade sobre o velho i decaí d'aquelles para quem a vida consiste unicamente nisto: —*ganhar dinheiro!*

FELIX GUANABARINO.

Como segue o gyra-sol
A marcha do rei dos astros,
Assim te sigo de rastros,
Porquetu és o meu sol.

M.

AS CALÇAS

Parece incrível, mas é verdade e verdade dura de roer: No dia da distribuição do 1.º numero d'O Pão um gatu-no, aproveitando-se da confusão que reinava na Padaria, passou os ganhos num par de calças do nosso collega Sattyro Alegrete, um magnifico par de calças de cheviotte, que, por signal inda não estavam pagas!

Em que paiz estamos nós? Pois rouba-se assim a um pobre rapaz que está em vespera de ser pai de familia o unico par de calças decentes que elle possuia?!

Que diz a isto a policia?

O Alegrete, que era tão alegre, como seu nome o indica, anda numa tristeza que já nos inspira cuidados...

O pobre rapaz ha oito dias não vai á casa da pequena, que já mandou lhe o seguinte bilhete: *Mando-li diste que stou muito triste porque você não que*

mass vim aqui. Sua criada—M.

Imagem como é desesperada a situação do nosso collega.

Para onde vamos com tanto descalabro? Será crível que fique impune o seclerado que a estas horas anda talvez fazendo figura nos chinfrins do Oiteiro, emquanto a victima chora a sua desgraça, mettido numas tristes calças pardas?

Nós não podemos ficar inertes diante deste escandalo e dirigimos ao governo este ultimatum: Ou consigna-se no orçamento verba para o Alegrete comprar umas calças novas, ou declaramo-nos em franca e decidida opposição.

Oh! tempora! Oh! mores!

Contemplo o roseo botão
Que tens no collo... Depois
Imagino os outros dois
Que sob o corpete estão...

M.

CLUB I DE JULHO

Com esta denominação fundou-se nesta capital uma sociedade dramatica, que estreou esta noute no S. Luiz com um espectáculo em beneficio da sociedade litteraria *Silva Jardim*.

A' hora que entra para o prélo a nossa folha ainda nada podemos dizer da representação.

Agradecemos o amavel convite que nos foi dirigido.

POR QUEM SÃO !...

Nosso respeitavel collega do *Jornal do Brasil*, um dos mais importantes orgãos da imprensa fluminense, teve a amabilidade de transcrever quasi todo o programma da Padaria Espiritual, precedendo-o de um appello á attenção de seus leitores.

O *Jornal Commercio* deu noticia laconica mas amavel a nosso respeito

PARQUE DA LIBERDADE

Ha, por ahi alguém que não traga no recondito do coração a sagrada recordação deste recanto bucolico, proprio para creaturas que se amam, se bejuarem? Não. Pois bem, O PÃO, o jornal que ha de ser o iniciador de todas as grandes idéas e o defensor de todos os principios sãos, vai expor, por alguns segundos o estado em que está este formoso Parque, o mais delicioso retiro para os namorados felizes

Após a inauguração, o povo, tomado de justo enthusiasmo, affluia para ali em ondas, a espaiar-se á beira do lago, onde vagavam botes cheios de moças, aos sons dulcorosos de uma musica bem executada. Nós mesmos que escrevemos estas linhas ainda temos a imaginação povoada da imagem da adoravel creaturinha por quem morriamos de amores e ainda sentimos as sensações amollentadoras daquellas carnes brancas e perfumadas, de rijeza marmorea, que tantas vezes fizeram-nos perder a cabeça.

Hoje, abandonado e triste, tem o aspecto tetrico de um cemiterio de aldeia. e ao passarmos por ali sentimos o coração contorcer-se dolorosamente.

Já não apparece mais ninguem por aquellas paragens onde reina a paz silenciosa dos sitios *mal-assombrados*.

Não sabemos a razão porque o abandonaram, porém cremos que o governo, para bem servir aos seus governados, devia dar vida ao Parque, mandando aos domingos a musica tocar das 5 ás 7, como fazia-se em tempos que não vão muito longe.

Cumulo de habilidade de um violonista: tocar variações com um arco.... iris.

M.

Todo dia quando eu passo pela casa em que tu moras desejo dar-te um abraço que dure ao menos... tres horas.

S.

LIVRA!

Ella escreveu — dizendo ao namorado que a procurasse, á noite, na janella, á hora em que *papaé* está deitado, e que batesse á porta com cautella---

O D. Joao não fustou e ao vêr a bella fremente de paixão e de cuidoado, louco de amor, pensou estar com ella n'um céu aberto, todo, constellado...

No melhor do namoro o pae austero surgiu armado de um *judá* bem-grosso, e o triste, pernas para qué vos quero...

Causou-lhe a apparição tanto alvoroço, que o destino imitando de Ashavero inda a estas horas corre o pobre moço! Ceará - 92.

SATYRO ALEGRETE.

Recebemos um elegante folheto tractando das Colonias Industriaes destinadas á disciplina, correcção e educação dos vagabundos regenerados pela hospitalidade e pelo trabalho.

Ora, ahi está um livrinho que devia ser espalhado nesta terra tão profusamente, pelo menos, como a grammatica do professor Sobreira.

Sim, por que isso de vagabundo aqui é fechar os olhos e pegar um.

Recommendamos aos nossos leitores este excellent folheto.

Tua bocca rosea e sã,
pegajosa como lacre,
tem o gostosinho acre
do bago de uma romã

S.

Entre um padeiro e uma moça:

—Sabe? Não li o 1.º numero d'O

Pão.

—Porque, minha senhora?

—Porque não gosto de pão sem manteiga.

Veja v. exc. o que são gostos! Eu só como pão com manteiga estando com um jejum de oito dias, pelo menos.....

CONFITOS

II

Era uma vez um colibri esguio como teu dedo mínimo, inconstante como o teu pensamento e que levava sua rica vidinha a regalar-se do nectar de quanta flor encontrava pelos jardins da cidade.

Nunca se viu uma creaturinha mais volúvel do que esse colibri!

O ingratinho levava o seu descaramento ao ponto de beijar quasi ao mesmo tempo as duas, tres e quatro rosas do mesmo galho que, coitadas! estremeciam de amor ao voluptuoso contacto de suas azas de azeviche.

Havia entre as flores terríveis scenas de ciúme por causa do colibri!

Uma vez uma papoula teve tanta raiva duma dhalia, que de corde rosa que era tornou-se vermelha como lacre.

Outra vez um rosa foi tão cruelmente despresada pelo colibri que encheu-se de gottas, que não eram de orvalho, como poderás suppor, mas de pranto... Juro-te que eram de pranto.

Quanto a rosas que se despetalaram antes do tempo, loucas de paixão, isso não tem conta!

Mas nosso minuscúlo D. João bem se importava com essas tolices, que só lhe mereciam um risosinho de escarneo, um risosinho quasi imperceptível, mais subtil do que a nota extrema da gamma descendente de um violino....

Ninguém sabia onde era que o colibri dormia.... O que é certo é que de manhã muito cedo já elle andava a esfusiar pelo jardim, irrequieto, rutilo, febril, distribuíndo nababescamente beijos á direita e á esquerda.

Uma occasião em que deixava um jardim em busca de outro, viu, ao passar diante de uma janella aberta, uma esplendida rosa num jarro collocado em cima do piano.

Aquella rosa impressionou-o de tal forma que elle voltou do meio do ca-

minho e veio adejar diante da fresta da janella, olhando sequiosamente para a grande rosa que lhe parecia tumida de seiva e trescalante de aroma....

Pensou em entrar... Mas não, era uma temeridade. E' tão facil um passarinho tomar uma espelho por uma porta e esmagar-se de encontro a elle!

Cançado de soster-se nas asas por tanto tempo, foi o apaixonado colibri— porque estava apaixonado o pobrezinho— pousar no beiral da casa fronteira, sempre a olhar para a rosa, como que hypnotizado pelo esplendor das suas grandes petalas vermelhas.

Para abreviar a historia, te direi que depois de muitas horas de allucinada contemplação, o colibri resolveu-se a beijar sua querida rosa, custasse o que custasse, e calculando o rumo partiu rapido como uma flecha...

Mas ai! seu biquinho sequioso não encontrou um atomo de mel no calix da grande rosa, cujas petalas deixaram escapar ruído aspero de folhas seccas ao contacto de suas azas de azeviche.

E' que era de papel aquella rosa tão bonita, é que ella era falsa, falsa como teu coração, oh! minha querida leitora.

MAQYR.

—
Longe de ti, meu amor,
Morro de tédio e de magua,
Bem como morre uma flor
Posta num jarro sem agua...

M.

—
Entre um vendedor d'O Pão e um cego:

—Meu bem, me dê um pão, pelo amor de Deus.

—Qual! Você não encherça, e este PÃO come-se é pelos olhos...

—
Vem do banho.... E é tão formosa
Assim roante e corada,
Que faz lembrar uma rosa
Numa manhã de invernada.

M.

ADORAÇÃO

Como ella é formosa adormecida assim no sofá estufado com a mãosinha de neve sobre os meus ultimos versos que lhe dediquei e que repousam agora em seu seio, bem sobre o coração! Suas brancas palpebras de lyrio cerra das docemente como uma concha, talvez ainda escondam amorosas a surpresa benedicta que os olhos apaixonados sentiram ante aquellas lettras silenciosas.

¿ O que scismaria ella depois de os ter lido? São tão sinceras as minhas palavras!... E minha alma dictou-as com ella suspirando eu escrevi-as justamente quando o sol se encobria no horisonte com sua auréola vermelha e as aves recolhiam-se cantando na ramagem proxima!

! Dorme tranquillamente, tao serena tão bella! A lucides transparente d seu todo immaculado é a expressao vivissima da innocencia adormecida.

Virgem de olhos azues, encarnação da candura intemerata, nessa attitude de deusa fatigada, asemelha-se a uma visao intangivel e luminosa que nunca a profanação ousa tocar, inacessivel como a cupula alta e resplandecente do ceo para a qual so se ergueu olhares puros e os santos pensamentos!

Quero fita-la muito, sem a despertar. Sua pequenina bocca num sorriso brando, quasi fechada, parece esquivar-se de falar, como si seus delicados labios de eglantina se ferissem ao pronunciar o mais suave termo da lingua-gem terrestre.

Alva como a nuvem branca do outomno, loura como a nuvem dourada pelo sol do occaso, com o rosto para o ceo onde ha tantas estrellas, tanto brilho, parece querer dar á essencia de luz do universo um instante de dominio, emquanto estão cerrado, os seus olhos fulgurantes!

Dorme ainda. Thezouro de meu seio, oh! minha flor! Que eu te veja, que o eme a adore do fundo do coração,

porque és para mim uma imagem olympica e seductora, cheia de luz e de mysterios, és u meu idolo, a minha attracção, a alma da minha alma, o meu profundo amor.

Dorme ainda um momento e eu ve lando de joelho, nesta doce contem plação, espero pelo teu primeiro suspiro, pelo teu primeiro sorriso, pelo teu primeiro olhar.

MOGHAR JANDIRA.

O CASSINO

Em cumprimento ao art. XL do nosso programma vimos hoje levantar o brado de guerra contra o Cassino, esse castro lugubre que afeia e entristece o 1.º plano do Passeio Publico.

Aquillo, naturalmente, está cheio de almas do outro mundo, encarnadas no pello repugnante de alguns morcegos anistros.

Ha casas predestinadas ao abandono.

Aqui ha uns tempos atras, o Abilio quiz dar vida ao Cassino, abrindo em seus salões aulas de esgrima, de gymnastica e patinação; mas a má estrella que presidia ao levantamento daquella casa fez em pouco tempo sentir sua malefica influencia, e suas portas fecharam-se para todo o sempre.

Fechado, silencioso e escuro como está hoje, o Cassino lembra as casas mysteriosas onde se reuniam as sociedades secretas dos romances de l'onsou.

O Cassino é uma excrescencia que precisa ser extirpada.

Para chegar a esse resultado lembramos a seguinte idéa:

No domingo proximo compareçam no Forno da Padaria Espiritual, ao meio dia em ponto, todos os cidadãos que possuirem acções do Cassino.

Depois de servir-se num copo d'agua... do Bemfica, que corre por nossa conta, todos os accionistas sacam do bolso suas acções, collocam-nas em pilha no meio da casa, derrama-se por

cima um pouco de kerozene, risca-se um fosforo e... prompto

Findo este auto de fé, os accionistas, os Padeiros e todos os cidadãos que adherirem á idéa, armados de alviões e picarétas e acompanhados de uma banda de musica, dirigem-se ao 2.º plano do Passeio.

Chegados ahí, canta-se em côro a Marselheza e mette-se maos á obra.

Quando nao restar mais pedra sobre pedra, o Padeiro Polycarpo Estouro, de pé sobre os destroços recitará com ar prophético e voz plangente umas estrophes analogas ao acto.

Em seguida dirigem-se todos em passciata ao palacio do governo afim de pedirem que esse dia seja considerado feriado em homenagem á Queda do Cassino, como é o da Queda da Bastilha.

Os accionistas que approvam esta idéa queiram communicar-nos por carta.

MALACACHETAS

II

Disse Ella ao ver-me passar:
"Mando a resposta a 1 hora"
São duas! E até agora
Nada da carta chegar!

Estou aqui a estalar!
Ancia febril me devora!
Não posso mesmo atinar
A causa desta demora!

Mas ouço bater... Emfim!
Exclamo de mim pra mim.
Vou para a porta a correr....

Mas, ai! Do lado de fóra
Pergunta uma voz sonora:
—Tem garrafas pra vender?

MOACYR JUREMA.

BOLACHINHAS

Hoje, irei, com certeza—lesto e cheio
Dos rumores monótonos do dia—
Para matar o tédio que enfastia,
Dar, á noite, um passeio na *Passeio*.

Imagino-melá; entre as delicias
Da multidão que cruza-se no asphalto,
Vejo passar um bando de patricias
Pela *Avenida*, conversando alto...

Outras vão garrulando jovialmente
N'uma alegria vivida e sonora,
Em quanto a luz do gaz cruza e dormente
Zig-zagueia pelo plano afora...

E, entre todas—dominando as galas
Das outras porque dizem-na a mais bella,
A grande rosa que abrilhanta as salas,
Que, quando passa, nós fazemos alas...
Nós...os rapazes que gostamos della...

Leva uma flor ao peito, e o labio ardente
Lembra uma flor mais lyrica e macia
Flor que desperta a posição latente
Daquellas carnes de mulher sadia.

O seu olhar, que é soberano e cheio
De luz que abraza, sem que a chamma adoce-a
Lembra um pingante de crystal da Escocia,
Na lactecencia virginal de um seio.

Amo-a! que todos os olhares quentes
Volvam-se, e sigam-lhe em delirio os passos,
Para adorar as perfeições nitentes
Daquelles seios, e daquelles braços!

Amo-a! e quem pode, sem prazer, fital-a
—As suas formas triumphaes gloriosas,
Para nos estos das paixões sonhal-a
Nuas, n'um leito de laranja e rosas...!

Amo-a! e quem pode—na risada louca
Daquelle labio de roman purpurea,
Nos gemidos monstruosos da luxuria,
Beijar-lhe os olhos e beijar-lhe a bocca?!

Pallida! a fronte virginal, sincera,
Vendo-a de preto, meu querido amigo,
Lembra a belleza de uma freira austera
Na sombra opaca de um convento antigo.

O seu labio de purpura, radioso;
Infinito, de perfidas paixões,
Tem—um como gemer luxurioso
De venenosas, loucas sensações...

E assim de preto, triumphal—domando
A propria furia a um oração tão forte.
Passa, entre tantas corações, deixando
Dentro de cada coração a morte.

POLYCARPO ESTOURO

Estava um reverendo, sentado á sua
porta, mettido numa camisola fresca,
muito embebido na leitura de seu bre-
viario, quando chega-se a elle um
camponio e pergunta:

—*Seu vigaro* não viu passar por
aqui um burro?

O padre levanta a vista, atrapalha-se
e apontando para a estrada:

—Homem, eu estava aqui *vinchando*,
quando elle passou por ali *resando*.

Cumulo de dandysmo: pôr na la-
pella um botão de.... ceroula.

M.

PELA AVENIDA

A Avenida esteve quinta feiro em
uma de suas melhores noites,

Tudo ou quasi tudo que a sociedade
cearense tem de mais encantador pas-
sava e repassava diante de nossos
olhos ao compasso das musicas ale-
gres que jorravam do corêto.

Nosso coração, que tem muita cousa
de paliteiro, deixava-se cravar por to-
dos aquelles olhares que chispavam
dentro os cilios dessas hespanholas do
Brasil vulgarmente conhecidas pelo no-
me de—irmãs de Iracema.

A luz fulva de nm combustor de,
globo vermelho, tomámos as seguintes
notas, que transmittimos aos leitores
d'O Pão:

G. V. Esplendida no seu formosís-
simo vestito preto que dava um deli-

cioso realce a seu rosto marmoreo.

E. G. vestido de flanela branca com
vivos azues, aberto em pequeno decote,
que deixava apparecer uma nesga de
collo mais alvo, muito mais alvo que a
flanela...

D. B. Muito elegante em seu vesti-
vermelho rajado de branco-

M. V. Irrequieta e esbelta como uma
vespa. Vestido bizarro de cretone cin-
zento com quadros largos.

B. A. Vestido branco com palmas
côr de vinho. E aquelles olhos...

R. C. Saia cor de caja e corpete
de ramagens' cingido nas espaduas
por uma fita rubra, cujas pontas ace-
navam como que dizendo—sigam-me...

A. F. Branca, de branco, parecia
uma estatueta de cêra, gorducha e en-
graçadinha.

A. M. Vestido cor de canna com pal-
mas violaceas. Muito elegante.

D. A. Vestido cor de nata emmol-
durando-lhe as formas oppulentas.

R. F. Casaco branco, saia de chita.
Nada mais simples e nada mais encan-
tador, por ser quem era.

Enão nos lembramos de mais nin-
guem.

O *Diario do Commercio* faz espiri-
tuosos commentarios a respeito da
Padaria e affirma que a litteratura a-
qui está mais adiantada do que na Ca-
pital Federal.

Devêras?

COMPANHIA DE ZARZUELLAS

Estrêa hoje á noite no S. Luiz a
Companhia de Zarzuellas com as pe-
ças—*Chateau Margaux. Darrete phri-
gio e Tiple en porta.*

Apesar dos preços serem um tanto
salgados, tem sido grande a procura
de bilhetes.

Podera não!

Typographia d'O Oberario.